

Professores iniciantes e o trabalho docente no período de isolamento social devido à covid-19: busca de possibilidades nas impossibilidades

Flavia Wegrzyn Magrinelli Martinez
Analígia Miranda da Silva
Ana Caroline Oliveira Costa
Pâmela Rodrigues Cardoso

Flavia Wegrzyn Magrinelli Martinez

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS

E-mail: flavia.martinez@ufms.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3540-4032>

Analígia Miranda da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS

E-mail: analigia.miranda@ufms.br

 <https://orcid.org/0000-0002-3232-323X>

Ana Caroline Oliveira Costa

Prefeitura Municipal de Joaquim Távora, Paraná

E-mail: anacaoliveira65@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8695-4774>

Pâmela Rodrigues Cardoso

Colégio SESI, São Paulo, SP

E-mail: pamelarodriguescardoso@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2995-9197>

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa quali-quantitativa realizada com 84 professores iniciantes atuantes na Educação Básica e no Ensino Superior, de 15 estados brasileiros. O estudo teve por objetivo compreender as vivências e experiências dos professores iniciantes sobre o trabalho docente no período de isolamento social devido à Covid-19. Para a obtenção dos dados, utilizou-se um questionário disponibilizado via *Google Forms* em rede social. Para a codificação e organização quantitativa dos dados coletados, utilizamos o IRAMUTEQ, software gratuito e desenvolvido sob a lógica do *open source*. Trata-se de um ambiente estatístico ancorado no software *R* e na linguagem *python*. Neste estudo, utilizamos a análise de similitude que se pauta na frequência de palavras e na teoria dos grafos, possibilitando identificar as coocorrências entre as palavras e possíveis relações existentes entre os termos. Para análise qualitativa dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). A pesquisa revela que os aspectos relacionados à desprofissionalização docente foram intensificados na pandemia. Permitiu também constatar que os professores, movidos pelo compromisso político e ético, encaminham-se para uma ação que se propõe a superar o que é oferecido ou negado em termos de condições de trabalho. Os professores participantes atuaram com as (im) possibilidades e (im) previsibilidades que se apresentaram na escola (e fora dela) e estabeleceram um caminho possível.

Palavras-chave: Professor iniciante. Trabalho docente. Pandemia da Covid-19.

Recebido em: 01/02/2022

Aprovado em: 31/10/2022



Abstract

Beginning teachers and teaching work in the period of social isolation due to covid-19: searching for possibilities in impossibilities

This article presents the results of a qualitative-quantitative research carried out with 84 novice teachers working in Basic Education and Higher Education, from 15 Brazilian states. The study aimed to understand the experiences of these teachers about teaching work in the period of social isolation due to Covid-19. To obtain the data, a questionnaire made available via *Google Forms* on social network was used. For the codification and quantitative organization of the collected data, we used IRAMUTEQ, a free software that is developed under the logic of *open source*. It is a statistical environment anchored in *R* software and *python* programming language. In this study, we used the similarity analysis based on the frequency of words and on the theory of graphs, making it possible to identify the co-occurrences between the words and possible relationships between the terms. For qualitative data analysis, the Content Analysis (Bardin, 2016) was used. The research reveals that aspects related to teacher deprofessionalization were intensified in the pandemic. It also allowed us to verify that teachers, moved by political and ethical commitment, are moving towards an action that proposes to overcome what is offered or denied in terms of working conditions. The participating teachers acted with the (im) possibilities and (un) predictability that presented themselves in the school (and outside) and established a possible path.

Keywords:

Novice teacher.
Teaching work.
Covid-19
Pandemic.

Resumen

Profesores principiantes y labor docente en el período de aislamiento social por el covid-19: buscando posibilidades en imposibilidades

Este artículo presenta los resultados de una investigación cualitativa-cuantitativa realizada con 84 profesores principiantes que actúan en Educación Básica y Enseñanza Superior, de 15 estados brasileños. El estudio tuvo como objetivo comprender las experiencias de profesores principiantes sobre el trabajo docente en el período de aislamiento social debido a la Covid-19. Para la obtención de los datos se utilizó un cuestionario puesto a disposición a través de *Google Forms* en una red social. Para la codificación y organización cuantitativa de los datos recolectados se utilizó IRAMUTEQ, un software libre desarrollado bajo la lógica de *código abierto (open source)*. Se trata de un entorno estadístico anclado en el software *R* y en el lenguaje *python*. En este estudio, utilizamos el análisis de similitud basado en la frecuencia de palabras y la teoría de grafos, lo que permite identificar las coocurrencias entre las palabras y las posibles relaciones entre los términos. Para el análisis cualitativo de los datos se utilizó el Análisis de Contenido (Bardin, 2016). La investigación revela que aspectos relacionados con la desprofesionalización docente se intensificaron en la pandemia. También permitió verificar que los docentes, impulsados por el compromiso político y ético, se encaminan hacia a una acción que propone superar lo que se ofrece o se niega en cuanto a condiciones de trabajo. Los docentes participantes actuaron con las (im)posibilidades y (im)previsibilidad que se presentaban en la escuela (y fuera de ella) y establecieron un camino posible.

Palabras clave:

Profesor principiante.
Trabajo docente.
Pandemia de
Covid-19.

Introdução

Compreendemos o professor não como um tarefeiro (KUENZER, 1999), mas como um intelectual (GIROUX, 1997), um profissional pensante, que deve ter condições objetivas e subjetivas para construir o seu próprio trabalho no espaço e tempo do seu campo de atuação, prioritariamente a escola. Contudo, é sabido que no Brasil os professores enfrentam muitos desafios para a realização do trabalho docente, sendo eles de ordem institucional e organizacional, aliados à precarização e à falta de políticas de valorização do trabalho docente. Entretanto, no ano de 2020, a experiência e a vivência dos professores, já atuantes há anos ou em início de carreira, passou por uma peculiaridade.

Devido à pandemia da Covid-19 e às consequentes medidas de enfrentamento adotadas no Brasil, em 28 de abril de 2020, o Parecer CNE/CP nº 5, publicado no Diário Oficial da União (DOU), em 1º de junho de 2020, propôs a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual (BRASIL, 2020). Dentre os aspectos invocados no Parecer CNE/CP nº 5/2020, destaca-se:

O Ministério da Saúde editou a Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020, publicada no Diário Oficial da União (DOU), em 4 de fevereiro de 2020, declarando Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, em razão da infecção humana pelo novo Corona vírus (COVID-19). Estados e Municípios vêm editando decretos e outros instrumentos legais e normativos para o enfrentamento da emergência de saúde pública, estando, entre elas, a suspensão das atividades escolares (BRASIL, 2020, p. 1).

Diante deste contexto pandêmico e de crise sanitária no Brasil, sem vacina para o Sars-CoV-2, aliado ao “temor da morte, oscilações emocionais, mudança de rotina, sobreposição de papéis; excesso de informações sobre a pandemia e Fake News” (PONTES; ROSTAS, 2020, p. 284), e sendo a principal medida de segurança o isolamento social, os professores passaram a trabalhar remotamente em suas residências, ou sejam, levaram a escola para os seus lares, reorganizando toda uma lógica didático-pedagógica, bem como de aspectos gerais do trabalho docente, a partir da proposição do ensino remoto de emergência¹.

Esta pesquisa parte de um estudo maior, vinculado ao GEPE², e a hipótese levantada é que as variáveis que impactam o trabalho docente e a forma como a categoria docente é compreendida em seu aspecto profissional em contexto anterior à pandemia são ainda mais acentuadas neste momento de crise sanitária. Diante do cenário determinado pela Covid-19, os professores viram-se impelidos a novas práticas e novas perspectivas relacionadas ao trabalho docente, dada as condições de afastamento social e o estabelecimento do ensino remoto. Assim, o objetivo é compreender as vivências e experiências dos

¹ Aulas via plataformas digitais institucionais ou plataformas privadas, sem assegurar as condições de trabalho (ALESSI *et al.*, 2020, p. 17).

² Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação - GEPE (UENP/CJ).

professores iniciantes sobre o trabalho docente no período de isolamento social devido à Covid-19. O foco no professor iniciante se dá pelo fato de que este é momento específico e delicado da carreira docente, visto que é neste período em que os professores fazem transição de estudante para professores” (GARCÍA, 1999, p. 113). É possível afirmar que os primeiros anos da carreira docente são realmente muito difíceis, já que os professores ainda estão em processo de conhecimento da profissão e necessitam de um olhar mais pontual e de um acompanhamento mais específico por parte da equipe pedagógica, pois “reconhecer que, ainda que se trate de atividade de desenvolvimento profissional, a fase de iniciação ao ensino possui características próprias que permitem analisá-las de um modo diferenciado” (GARCÍA, 1999, p. 112). Assim, abordaremos, neste artigo, as relações entre o trabalho docente, a docência na pandemia e os professores no início da carreira, de modo a desvelar as dimensões enfrentadas por esse perfil docente específico, que já enfrenta as dificuldades inerentes à própria inserção profissional.

O trabalho docente em questão: aportes contextuais e conceituais

O trabalho docente possui singularidades, com características intrinsecamente humanas, que se realiza em condições objetivas e subjetivas, o que demanda condições específicas em seu labor. Sobre as objetivas, consideramos as condições efetivas do trabalho do professor na escola, ou seja, o espaço físico e os elementos organizacionais. As condições objetivas referem-se aos instrumentos de trabalho do professor para a objetivação de sua prática. Já as condições subjetivas são as que se remetem à ação docente (SACRISTÁN, 1998), visto que compreendermos o trabalho como uma função estritamente humana. E, no caso específico da profissão docente, o trabalho está estritamente relacionado à constituição da identidade profissional e pessoal (DUBAR, 2005), pois “o professor, inserido em um contexto público e envolto por relações sociais, vai incorporando ao seu ser, as atribuições dadas pelo outro” (MARTINEZ, 2019, p. 64).

Assim, apreendemos o sentido da atividade docente a partir do significado do trabalho pedagógico; da intencionalidade da ação educativa, e da produção do conhecimento como característica humana.

O trabalho educativo tem como finalidade o processo de educação e humanização (SAVIANI, 2013). Logo, defendemos que não há separação entre o objetivo e o subjetivo, uma vez que o sujeito da ação age e pratica a ação em determinadas condições. Dessa forma, sujeito e realidade se relacionam de forma articulada. Do mesmo modo, compreendemos e defendemos os professores como intelectuais, já que reconhecemos a sua natureza socialmente construída e o modo como se relacionam com a ordem social, bem como visualizamos o trabalho docente como uma via de possibilidade de transformação social mediante um ensino e uma aprendizagem emancipadoras.

Para Giroux (1997, p. 52):

As intenções emancipadoras neste caso podem ser compreendidas como um paradigma que combina teoria e prática no interesse de libertar os indivíduos e grupos sociais das condições subjetivas e objetivas que os ligam às forças de exploração e opressão. Isto sugere uma teoria crítica que promova

auto-reflexão dirigida ao dismantelamento de formas de falsa consciência e relações sociais ideologicamente congeladas, todas as quais geralmente aparecem na forma de leis universais. Assim, a emancipação tornaria o pensamento crítico e a ação política complementares. Isto sugere um processo de aprendizagem no qual o pensamento e a ação seriam mediados por dimensões cognitivas, afetivas e morais específicas.

Entretanto, para Contreras (2002), os professores encontram-se submetidos a uma tensão permanente do próprio trabalho, somada também às condições precárias para exercer a docência, visto que, aos professores, são atribuídas muitas funções, o que acarreta uma maior demanda de trabalho e responsabilidades que, no contexto do ensino remoto, foram intensificadas, conforme relatam Pontes e Rostas (2020) e Diniz (2020).

Somado a isso, este momento de trabalho remoto contribui para agravamento de “depressões, situações estressoras, incômodos múltiplos, falta de contato social e trocas afetivas, isolamento familiar, exposição a situações incontroláveis, desamparo, oscilação de humor e, principalmente, a sensação de solidão” conforme revela Pontes e Rostas (2020, p. 283), o que muitas vezes pode gerar um sentimento de impotência e de culpa no professor. Quando isso ocorre, constata-se que o processo de intensificação do trabalho docente interfere decisivamente no cotidiano das escolas e dos professores.

Ademais, circula de maneira mais acentuada, no contexto político atual, a perspectiva da racionalidade técnica do trabalho docente que vislumbra a prática profissional do professor a partir de um campo técnico, voltado à solução de problemas imediatos, prevendo a aplicabilidade de saberes para além de um trabalho fundamentalmente intelectual e transformador do professor, ou seja, uma concepção perpassada pelo senso comum equivocada sobre o trabalho docente. De acordo com Giroux (1987, p. 160):

As racionalidades tecnocráticas e instrumentais também operam dentro do próprio campo de ensino, e desempenham um papel cada vez maior na redução da autonomia do professor com respeito ao desenvolvimento e planejamento curricular e o julgamento e implementação de instrução em sala de aula. Isto é bastante evidente na proliferação do que se tem chamado pacotes curriculares

Tal perspectiva encaminha para a proletarização do trabalho docente com a redução dos professores ao campo de tarefas predeterminadas e pensadas em outras instâncias, que não a escola, o que incide diretamente na perda da autonomia docente e na desconsideração do seu trabalho intelectual. A racionalidade técnica, a burocratização e a proletarização do professor são elementos opostos àquilo que se compreende pelo trabalho docente (GIROUX, 1986; CONTRERAS, 2002).

O questionamento das estruturas institucionais e as condições de trabalho incidem diretamente na prática pedagógica docente (CONTRERAS, 2002). O professor deve reconhecer as nuances das limitações e possibilidades enfrentadas tanto em seu processo de formação, quanto em sua atuação profissional, para ser possível o engajamento em busca de condições de trabalho que permitam exercer o seu papel de transformador social. Em contexto de pandemia, compreendemos que as nuances, possibilidades e

limitações relacionadas ao trabalho docente foram redimensionadas, conforme aponta a pesquisas realizadas por Portelinha *et al.* (2021), em pesquisa realizada com profissionais da educação de três cidades do sudoeste do Paraná, indicando que o trabalho docente em contexto pandêmico se organizou mediado

[...] pelas incertezas de ter vacinas, medicamentos, leitos hospitalares, insumos, medidas sanitárias eficazes, vínculos de empregos, salários... Incertezas geradas por um contexto conservador-reacionário, o qual submeteu os profissionais da educação à jornada exaustiva de trabalho acompanhada da retirada de direitos, causando adoecimento físico e emocional. No entanto, as incertezas tensionaram a certeza em fortalecer, no coletivo da classe trabalhadora, a resistência, em disputar o presente para assegurar no futuro, a democracia, a ciência, a educação, as instituições públicas e a justiça social. (PORTELINHA *et al.* 2021, p. 2)

Os achados da pesquisa desenvolvida por Portelinha (2021) são corroborados pelas pesquisas realizadas pelo grupo GESTRADO/UFGM (2020)³; Oliveira e Junior (2020), Barros *et al.* (2021), Pontes e Rostas (2020) e Diniz (2020). No contexto desta pesquisa, olhamos para o trabalho docente realizado pelos professores em início da carreira durante o ensino remoto em tempos de isolamento social devido à Covid-19. Se as condições elencadas anteriormente se impuseram à categoria docente como um todo, os professores iniciantes experienciaram e enfrentaram este período marcado pela precarização, considerando as variáveis inerentes ao início da profissão, o que trataremos no tópico seguinte.

A docência e os professores no início da carreira

O desenvolvimento profissional docente não se restringe a uma série de acontecimentos, mas trata de um processo permeado e influenciado por questões pessoais, profissionais e contextuais. O início da carreira docente é um período de socialização que ocorre marcado por relações entre o pessoal, o profissional e o sistema. É a experimentação do novo, do contato com os alunos e com a cultura escolar, o planejamento das aulas, a satisfação por estar em situação de responsabilidade e o sentimento de fazer parte de um grupo profissional. É um período “em que o professor iniciante se esforça por aceitar os estudantes, os colegas e supervisores, e tenta alcançar um certo nível de segurança no modo como lida com os problemas e questões do dia a dia” (MARCELO GARCÍA, 1999, p. 114). É denominado a primeira etapa da carreira docente, e é nesta etapa que acontece o contato inicial com a situação real de sala de aula e, por isso, tal momento apresenta características próprias, sendo denominado por Marcelo García (1999) como fase de sobrevivência. De acordo com o autor citado (1999, p. 113), o início da docência é caracterizado pelo “período de tempo que abarca os primeiros anos, nos quais os professores fazem transição de estudante para professores”. É um momento de descoberta e sobrevivência, vivenciadas concomitantemente.

³ Em parceria da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (CONTEE). Disponível em: <https://gestrado.net.br/pesquisas/trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia-cnte-contee-2020/>

O momento da descoberta é marcado pelo entusiasmo com a profissão docente, abarcando a experimentação do novo, do contato com os alunos, com a cultura escolar, o planejamento das aulas, a satisfação por estar em situação de responsabilidade diante de um contexto profissional e o sentimento de fazer parte de um grupo profissional, em resumo, um sentimento de pertença.

A sobrevivência, por sua vez, atrela-se à complexidade e às dificuldades do trabalho do professor, tais como a distância sentida entre teoria e prática, e entre a escola ideal e a dura realidade escolar, a falta de preparação pedagógica para lecionar, as fragilidades formativas, a insegurança ao entrar em uma sala de aula, a oscilação entre relações demasiadamente íntimas ou distantes, e a dificuldade com os alunos e com o material didático, e, mesmo, a estrutura física escolar (HUBERMAN, 2005). É um momento complexo em que os professores ainda lutam “para estabelecer a sua própria identidade pessoal e profissional” (GARCÍA, 1999, p. 113).

García (2009, p. 6) caracteriza esta fase de iniciação como:

El periodo de inserción profesional se configura como un momento importante en la trayectoria del futuro profesor. Un periodo importante porque los profesores deben realizar la transición de estudiantes a profesores, por ello surgen dudas, tensiones, debiendo adquirir un adecuado conocimiento y competencia profesional en un breve periodo de tiempo.

Nesta fase, os professores iniciantes assumem um compromisso com a escola que, ao mesmo tempo, não é definitivo, pois irão avaliar se assumirão a docência como profissão ou se irão realizar outras escolhas profissionais. É, assim, uma fase considerada delicada (GARCÍA, 1999; HUBERMAN, 2005) em que o momento de descoberta e o de sobrevivência são experimentados ao mesmo tempo. No entanto, ambos irão se complementar, e um auxiliará a suportar o outro.

Tendo em vista que o início da docência é um período de construção exploratória do professor sobre o trabalho docente, como já explanado anteriormente, depreendemos que uma variável externa, como o isolamento social e a conseqüente suspensão das aulas por tempo indeterminado podem incidir nesse processo de constituição profissional. Além disso, a hipótese levantada por esta pesquisa é que as variáveis que impactam o trabalho docente e como a categoria docente é compreendida em seu aspecto profissional e, em contexto anterior à pandemia, são ainda mais acentuadas neste momento de crise sanitária, evidenciando o professor na condição de um tarefeiro e afastando-se, assim, de um profissional intelectual (GIROUX, 1997). Em meio às questões próprias da inserção docente, a pandemia se revelou mais um desafio, uma vez que incidiu nas condições e sobrecarga de trabalho docente, em aspectos formativos, na impossibilidade de acesso às aulas pelos alunos e no estabelecimento das relações afetivas e pedagógicas entre professores e alunos (PONTES; ROSTAS, 2020; DINIZ, 2020), bem como no acompanhamento da equipe pedagógica aos professores em início de carreira, o que é fundamental nesta etapa específica da carreira docente.

A realização da pesquisa

Para responder ao objetivo de compreender as vivências e experiências dos professores iniciantes sobre o trabalho docente no período de isolamento social devido à Covid-19, a pesquisa assumiu a abordagem quali-quantitativa. Minayo e Sanches (1993, p. 247) explicitam que a pesquisa qualitativa “adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente”. No entanto, também apontam que o conjunto de dados de ordem quantitativa e qualitativa não se opõe, mas se complementa para abranger a complexidade do fenômeno pesquisado. Dessa forma, considerar as pesquisas qualitativas não significa excluir dados quantitativos, mas pensar dialeticamente no universo da pesquisa. Triviños (1987, p. 66) diz que “o objeto, além da qualidade, tem a quantidade. Conhecer a quantidade de um objeto significa avançar no conhecimento do objeto”.

Quanto aos objetivos, definimos esta pesquisa como exploratória. Nesse tipo de pesquisa, podem ocorrer descrições e análises qualitativas e quantitativas do objeto de estudo, e o pesquisador deve estabelecer as inter-relações entre o fenômeno estudado e os dados analisados (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Para coleta de dados, elaboramos um questionário semiestruturado, organizado a partir do objetivo geral e dos respectivos objetivos específicos propostos para o estudo. Na perspectiva de Minayo (2004, p. 108), o questionário semiestruturado “combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador”. Logo, neste estudo, a justificativa para a escolha de perguntas fechadas se dá pelo fato de possibilitar caracterizar os sujeitos de acordo com seu perfil (faixa etária, gênero, cidade/estado em que reside, nível de escolaridade etc.). Já para as perguntas abertas, esta escolha se justifica pela razão de permitir “ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 204).

Considerando o contexto pandêmico e a impossibilidade de contato presencial entre as pesquisadoras e os participantes⁴, os questionários semiestruturados foram elaborados e aplicados por meio da plataforma on-line *Google Forms*, ferramenta que permite a criação de instrumentos de pesquisa personalizáveis para coleta e organização de dados.

Antes da aplicação junto aos participantes da pesquisa, tendo por base a perspectiva de que “o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva, aplicando-se alguns exemplares em uma pequena população escolhida” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 203), realizamos testes-pilotos com três professores voluntários, momento em que verificamos a clareza e possíveis vieses, e efetuamos a

⁴ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Norte do Paraná (CEP/UENP). CAAE: 35325120.4.0000.8123

reestruturação final do instrumento de pesquisa. Após a testagem do instrumento, divulgamos o questionário na rede social *Facebook*. Para tanto, elencamos duas categorias gerais para a divulgação, sendo: a) selecionar grupos dentro da rede social *Facebook* voltados para a categoria docente nas diferentes disciplinas e etapas do ensino (da Educação Básica a Educação Superior) e b) grupos que continham o número mais expressivo de participantes em cada disciplina e/ou etapa do ensino.

Na segunda etapa da pesquisa, selecionamos grupos de professores dos 26 (vinte e seis) estados do país, mais o Distrito Federal. Nesse momento, as duas categorias anteriormente elencadas foram acrescidas pelos estados brasileiros, visando, assim, buscar a completude do estudo em todo o território nacional.

Obtivemos 84 professoras/es que responderam ao instrumento de pesquisa. O perfil dessas professoras/es indica predominância do gênero feminino (71,4%). Quanto às idades, temos 95,2% possuindo entre 25 e 40 anos. Sobre as suas formações na Educação Básica, temos predominância da educação pública (83,3%). Sobre a formação em nível superior dos professores participantes, temos 41,4% com Graduação e 56% com Pós-Graduação (Especialização, Mestrado e/ou Doutorado). Acerca das regiões brasileiras, obtivemos a seguinte distribuição na relação entre região e número de professores participantes: Região Sul (51,81%); Região Sudeste (20,48%); Região Centro-Oeste (19,28%); Região Nordeste (6,02), e Região Norte (2,41%).

Para a codificação e organização quantitativa dos dados coletados, utilizamos o IRAMUTEQ, *software* gratuito e desenvolvido sob a lógica da *open source*. Trata-se de um ambiente estatístico ancorado no *software* R e na linguagem *python*. Ele permite cinco formas de organização dos dados: análises lexicográficas clássicas; por especificidades; método da classificação hierárquica descendente (CHD); análise de similitude, e nuvem de palavras. Neste estudo, utilizamos a análise de similitude, que se pauta na frequência de palavras e na teoria dos grafos, possibilitando identificar as coocorrências entre as palavras e possíveis relações existentes entre os termos.

Para análise qualitativa dos dados, trazemos a técnica da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), procedimento de pesquisa que se assenta na linguagem. Além de ser um conjunto de técnicas de análise das comunicações, a finalidade da Análise de Conteúdo “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1977, p. 38). Produzir inferências faz com que a análise de conteúdo não seja meramente um procedimento puramente descritivo, e sim um procedimento que relaciona um dado com alguma teoria.

No bloco categorial “professor”, observamos falas que apontam para características inerentes ao trabalho docente em momento anterior à pandemia e que, a partir da nova dinâmica imposta pelo afastamento social, compreendem a centralidade do fazer pedagógico de forma ainda mais expressiva e necessária. Como exemplo:

O professor torna-se, então, uma ponte entre os pais e alunos nessa situação, estando a todo o tempo, mesmo que de longe, auxiliando as famílias e as crianças na questão do como ensinar e aprender, buscando métodos e práticas que facilitam ao máximo este ensino a distância (PI.1).

Em tempos de pandemia, a profissão me ensinou que somos insubstituíveis. Ver a dificuldade dos pais em repassar as atividades para os filhos em casa mostra como o nosso trabalho deveria ser mais valorizado (PI.2).

Nesses tempos é relevante a importância do professor, podemos perceber que nós somos capacitados e podemos tornar essa situação melhor, levando o ensino para a casa e ajudando no desenvolvimento da criança, e que somos capazes de nos reinventar e superar os obstáculos (PI.3).

Ser professor, seja por formação ou por ocupação (como meu caso), é uma profissão nobre, e que, com as aulas remotas, acredito que será mais valorizada (PI.4)

Inferimos que há uma percepção docente sobre a sua profissionalidade, independente do contexto vivenciado. Apesar das práticas pedagógicas não presenciais impostas pela pandemia, o professor se revela, de forma ainda mais enfática, como principal mediador dos processos de ensinar e aprender. O desejo de que a centralidade do trabalho pedagógico seja percebida pela sociedade também é evidenciado, uma vez que parece haver uma percepção esperançosa de que o momento desafiador imposto pela pandemia à sociedade, de alguma forma, evidenciará a imprescindibilidade do trabalho docente. Sacristán (1993, p. 82) define que: “[...] a profissionalidade pode ser percebida como a expressão da especificidade da atuação dos professores na prática, isto é, o conjunto de atuações, destrezas, conhecimentos, atitudes e valores ligados a ela, que constituem o específico de ser professor”. Os professores parecem reconhecer aquilo que é específico da profissão e que a via de ensino (presencial ou remoto) não altera a essência do que o constitui enquanto professor, mas que a especificidade do papel docente ainda carece de reconhecimento social. Percebemos que ser reconhecido pelo outro é importante para os professores, fato que está atrelado à constituição da identidade pois, “a identidade coletiva propicia ao sujeito identificar-se com seu trabalho e ser assim reconhecido, e a construção da identidade se dá também a partir do reconhecimento coletivo” (MARTINEZ, 2019, p. 71).

O contexto pandêmico impôs que a escola se fizesse ainda mais presente no ambiente doméstico e, assim, o trabalho do professor foi colocado em evidência. Para Nóvoa e Alvim (2021, p. 06),

Em casa, estamos num lugar que é nosso; na escola, num lugar que é de muitos: e ninguém se educa sem iniciar uma viagem juntamente com os outros. A grande vantagem da escola é ser diferente da

casa. Por isso, é tão importante a colaboração entre a escola e as famílias, porque são realidades distintas e ganham, uma e outra, com essa complementaridade.

Assim, sob esse aspecto, as dificuldades e desafios enfrentados dentro de sala de aula agora extrapolam os muros escolares e, nesse momento, parece se revelar como uma oportunidade de reconhecimento profissional na visão dos professores participantes.

As dimensões categoriais “escola” e “condição” se entrelaçam. Aqui, os professores apontam que a escola não provê o necessário para que o professor tenha as condições objetivas de trabalho. A necessidade de se adequarem tornou-se a única opção, mas essa adaptação para as aulas remotas não foi uma transição fácil, pois exigiu condições de trabalho e equipamentos adequados, como: internet de qualidade, recursos tecnológicos, suporte formativo, ambiente propício, dentre outros. Os professores participantes manifestam os seguintes argumentos:

Minha escola oferece o mínimo necessário para dar suporte para o professor preparar suas aulas no formato não presencial (PI. 5).

As condições de trabalho são diversas, precisamos sempre pensar no que tem na escola ou não, pois alguns materiais, a escola não possui, então, às vezes precisamos mudar o estilo da atividade para poder enviar os materiais necessários para a criança realizar as atividades. E, quando o professor não possui computador, a escola está à disposição (PI.3).

A escola não dá o devido apoio, os equipamentos dependem de o professor ter em casa (PI.6).

Minha condição de trabalho é horrível! Tenho apenas um computador para que eu e meu marido possamos trabalhar e estudar, sendo que minha irmã que mora conosco e precisa estudar também. Não tenho câmera para gravar, pois meu celular está ruim e não consigo comprar outro, então dependendo do celular do meu marido, e as gravações são realizadas à noite e, como não temos equipamentos, a qualidade diminui. Meu computador não tem câmera ou microfone, então, é tudo manual, o que leva horas para realizar. Minha escola disponibiliza de um "studio" em que ainda é muito pouco para revezar de professor em professor e ainda assim não acaba sendo o suficiente para auxiliar nas aulas (PI.7).

É necessário ser criativo e buscar sempre novas informações para atender os alunos (PI.8).

As condições de trabalho incidem diretamente no fazer docente. Quando não há as condições mínimas, os professores caminham para o que chamam de “se reinventar” ou improvisam, que é quando, dentro da precariedade, buscam novas alternativas para que consigam concretizar o seu trabalho. Percebemos pelas falas dos professores que os desafios impostos pelo contexto pandêmico foram atribuídos aos docentes que, solitariamente e em início de carreira, foram responsabilizados a se adequarem e apresentarem soluções pragmáticas, o que coaduna com a pesquisa realizada por Souza *et al.* (2021, p. 5), quando afirma que, durante a pandemia, “a responsabilidade pela transformação do espaço domiciliar em posto de trabalho permanente para desenvolvimento do ensino remoto coube exclusivamente aos docentes”.

O imediatismo exigido nas adaptações impostas evidencia e demonstra que as fragilidades do sistema educacional e a (des) valorização docente preexistiam muito antes do romper da quarentena e que,

no período pandêmico, foram ainda mais evidenciadas. E, quando os professores participantes da pesquisa denunciam que não há o necessário para exercerem a sua profissão no contexto específico que já se apresenta novo e, portanto, desafiador, se infere que não há reconhecimento da sua própria função social. Como aponta Contreras (2002, p. 54),

É o caso, por exemplo, da reivindicação de condições de trabalho como a remuneração, horário de trabalho, facilidade para atualização como profissionais e reconhecimento de sua formação permanente, tudo isso em conformidade com a importância da função social que cumprem. Mas é também, um pedido de reconhecimento ‘como profissionais’, isto é, como dignos de respeito e como especialistas em seu trabalho e, portanto, a rejeição à ingerência de ‘estranhos’ em suas decisões e atuações. Isso significa, ao menos em um certo sentido, ‘autonomia profissional’.

À luz do exposto, podemos inferir que, com a pandemia, a desvalorização do professorado se acentuou, afinal, esteando-se no que foi ressaltado, esses docentes, conscientes de sua impotência, precisaram se adequar à nova proposta, sendo submetidos a cumprir “objetivos decididos por especialistas um tanto afastados da realidade cotidiana” (GIROUX, 1999, p. 157), somados às “condições de trabalho inadequadas, atendimento a questões organizativas e de orientação, adicionados ao preparo de aulas e ao ensino remoto em si, têm levado ao desgaste dos docentes, à exaustão e ao esgotamento da saúde” (ALESSI *et al.*, 2021, p. 18), tornando, então, a atuação dos mesmos exaustiva e precária.

No bloco categorial “suporte”, temos elementos que indicam formação e ainda condições de trabalho, apontando, no entanto, para questões também subjetivas. Neste estudo, temos como participantes professores em início de carreira e, nessa categoria, as questões relacionadas ao suporte oferecido pela escola parecem despontar para um olhar que compreende tanto o pedagógico, quanto o formativo e o humano. Como exemplo, trazemos as seguintes falas:

Qualquer suporte é bem-vindo neste momento, seja à distância ou presencial. Uma conversa sobre as aulas, atividades, ou até uma reunião por vídeo, para que sejam expostas as dúvidas, as dificuldades, entre outras coisas que estamos passando neste momento (PI.9).

Instruções claras acerca da plataforma e do tipo de trabalho que será esperado dos professores (PI.10).

Implantação de uma rotina de diálogo e debate semanal sobre as atividades pedagógicas e apoio psicológico (PI.11).

Não consigo nem pensar, pois são tantas as injustiças que estamos nos sujeitando (PI.12).

Todo o suporte seria bem-vindo. Pois, temos que nos virar sozinhos (PI.13).

A necessidade do estabelecimento de um diálogo sobre saber o que se espera do trabalho docente neste contexto, apoio psicológico e o sentimento de estar sendo submetido a injustiças evidenciam temáticas, sobretudo, subjetivas. Como já dito neste estudo, a inserção na carreira docente compreende

experimentar o novo, ter contato com os alunos, com a cultura escolar, com o planejamento e avaliação e de fazer parte de um grupo profissional. Tais elementos foram retirados desses professores, que se viram tendo que se adequarem sem suportes, tanto subjetivos, quanto objetivos. Sobre isso, Souza (*et al.*, 2021, p. 5) pontua que:

De fato, docentes encontram-se submetidos às novas exigências e mudanças na organização do trabalho, tais como ritmo de trabalho, sobrecargas laborais, burocracia, controle (remoto) de turma e, ainda, o tipo de gestão e ferramentas para controle e desenvolvimento do trabalho, algo que recrudescer com o advento do trabalho remoto.

No entanto, em meio às demandas inesperadas, a adequação à imprevisibilidade e à ausência de uma base concreta que sustente o professor entre as adversidades apresentadas, obtivemos falas que indicam resistência, assim como uma perspectiva crítica sobre a totalidade. Como exemplos:

A educação deve ter um papel político além do pedagógico, pois não conseguimos cumprir com isso antes, e agora temos estudantes sem condições de participar do processo de aprendizagem e sem cumprir o isolamento (PI.14).

Que não é uma profissão fácil, que é necessária uma constante atualização do saber e que precisamos saber nossa intencionalidade na vida, pensando os porquês, como e para que estamos trabalhando (PI.15).

Somos essenciais para a construção de uma sociedade mais crítica e reflexiva. Apesar de a desvalorização ser bastante desmotivadora, vejo os professores “pulando” para fazer o melhor (PI.16).

A importância de formarmos pessoas críticas, com capacidade de reflexão sobre os assuntos cotidianos (PI.18).

As falas vão ao encontro da perspectiva de Giroux (1999, p. 62) sobre o professor como intelectual transformador ao “tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico”. Pensar o trabalho pedagógico em contexto pandêmico traz o campo político para a ação docente, segundo observamos nos apontamentos dos professores participantes. Em meio à evidenciação e ao aprofundamento da desprofissionalização, os professores participantes estão conscientes de seu papel social e do campo de luta estabelecido, com ou sem a pandemia.

A síntese dos dados revela que os professores reconhecem aquilo que é inerente ao ser professor em contexto pandêmico ou não. Contudo, apontam que a pandemia acentuou elementos de desprofissionalização por condições de trabalho inviáveis, e esta situação expressa que não há reconhecimento da própria função social da docência. Na precariedade, os docentes buscam saídas alternativas para que consigam concretizar o seu trabalho e expressam a necessidade de suportes objetivos e subjetivos. Apesar da realidade imposta, os professores reconhecem seu papel formativo e político visando a transformação da sociedade, e atuam no sentido de superação da realidade imposta.

Considerações Finais

A pesquisa permitiu constatar repercussões consideráveis no trabalho docente a partir da remotização dos processos de ensino e aprendizagem. Questões relacionadas às condições precarizadas para o exercício do trabalho docente foram intensificadas no contexto brasileiro, acentuando o processo de desprofissionalização do professor. E que, em uma etapa específica e delicada da profissão docente, em que os professores em início de carreira necessitam de apoio, convivência com os seus pares e acompanhamento da equipe pedagógica, se viram sozinhos e precisaram improvisar e se “reinventar”.

Entretanto, imbuídos do reconhecimento do seu papel formativo e político na sociedade, os professores caminharam para a proposição de saídas, readequações e superações da realidade que se impunha, mesmo que de maneira muito solitária. Neste processo, as vozes dos professores participantes indicam condições objetivas de trabalho, mas também para as condições subjetivas, como suporte emocional e diálogo com a comunidade escolar na tentativa de se construir uma compreensão desse inédito momento histórico que culminaria em (re) definições do trabalho docente e intensificação da sua precarização. Contudo, apesar das incertezas do momento relacionado ao tipo de trabalho pedagógico a ser realizado em contexto inédito e caótico, os professores demonstram saber exatamente o seu papel e função social, revelando a identidade do ser professor, e apontaram a necessidade do reconhecimento social da profissão docente.

Com a certeza sobre a centralidade do papel do professor na sociedade ainda mais evidenciada em momentos de crise, como se revelou pela Covid-19, os participantes da pesquisa esperam que a profissão seja reconhecida social e objetivamente. E, enquanto aguardam pelo reconhecimento, denunciam a precarização e a desprofissionalização (acentuadas na pandemia), ao passo que resistem e estabelecem o campo de luta. Compreendemos, assim, que não há uma romantização da precariedade, uma vez que há clareza e crítica sobre a realidade. Mas o que fica evidente, é que os professores, movidos pelo compromisso político e ético, encaminham-se para uma ação que se propõe a superar o que é oferecido ou negado em termos de condições de trabalho. Os professores participantes atuaram com as (im) possibilidades e (im) previsibilidades que se apresentaram na escola (e fora dela) e estabeleceram um caminho possível.

Ao finalizar esta pesquisa, chamamos a atenção para o fato de que a realidade futura se funda a partir de uma realidade presente. Conhecer o contexto do trabalho docente em tempos de ensino remoto é fundamental para vislumbrarmos os desafios que virão em tempos de pós-pandemia. Neste período de ensino remoto, vivenciamos um processo de desumanização do trabalho docente. Faz-se necessário lembrar que o trabalho é uma categoria central na vida humana, pois nos constituímos também a partir dele, bem como a nossa identidade profissional entrelaça-se a ele. Por isso, o que percebemos é que o trabalho dos professores no pós-pandemia poderá ser tão desafiador (ou mais) que o realizado durante o ensino remoto,

por isso, faz-se preciso que a categoria docente se organize e continue lutando pelos seus direitos e por condições dignas de trabalho.

Referências

- ALESSI, Sandra Mara. *et al.* A crise sanitária aliada às consequências da pandemia pela Covid-19 no contexto da crise do capital. *In: Andes-SN. Universidade e Sociedade*. 67. ed. Brasília: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, jan. 2021. p. 8-21. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1977.
- BARROS, Cláudia Cristiane Andrade. *et al.* Precarização do Trabalho Docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–23, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4975/4231>. Acesso em: 1 out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: Ministério da Educação, 28 abr. 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 01 out. 2021.
- CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. São Paulo, Cortez. 2002.
- DINIZ, Nelson. Reestruturação do trabalho docente e desigualdades educacionais em tempos de crise sanitária, econômica e civilizatória. **Revista Thema**, v. 18, n. Especial, p. 278-300, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50253/33477>. Acesso em 24 set. 2021.
- GARCÍA, Carlos Marcelo. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. **Sísifo – Revista de Ciências da Educação**, n. 08, p. 7-22, jan./abr. 2009. Disponível em: https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/29247/Desenvolvimento_profissional_docente.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 2 out. 2021.
- GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.
- GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Base de dados: Trabalho Docente em Tempos de Pandemia**. Belo Horizonte: UFMG, 2020. Disponível em: <https://gestrado.net.br/pesquisas/trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia-cnte-contee-2020/>. Acesso em: 25 set. 2021.
- GIROUX, Henry A. **A escola crítica e a política cultural**. São Paulo: Cortez, 1987.
- GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- GIROUX, Henry A. **Professores como Intelectuais Transformadores**. *In: GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 157-164.
- GIROUX, Henry A. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. *In: NÓVOA, Antônio. (org.). Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto, 2005. p. 31-61.

KUENZER, Acacia Zeneida. As políticas de formação: A constituição da identidade do professor sobrando.

Educação & Sociedade, n. 68, p. 163-183. 1999. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/yXkX6Nmc398FDDQcsJwm38P/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São

Paulo: Atlas, 2003. MARTINEZ, Flavia Wegrzyn Magrinelli. **A construção da Identidade docente de**

professores iniciantes de ciências e biologia de egressos do curso de Ciências Biológicas da UENP/

Jacarezinho-PR. Orientadora: Susana Soares Tozetto. 2019. 204f. (Tese de doutorado em Educação).

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em:

<https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2914/1/F1%c3%a1via%20Martinez.pdf>. Acesso em: 1 out. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou

complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível

em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. **Educação & Sociedade**,

Campinas, v. 42, p. 1-16, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 nov. 2021.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; PEREIRA Jr, Edmilson Antonio Pereira. Trabalho docente em tempos de pandemia:

mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735,

set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1212/pdf>. Acesso em: 01

out. 2021.

PONTES, Fernanda. Rodrigues; ROSTAS, Márcia Helena Sauaia Guimarães. Precarização do trabalho do docente

e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Revista Thema**,

Pelotas, v. 18, n. Especial, p. 278-300, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1923/1597>. Acesso em: 1 out. 2021.

PORTELINHA, Ângela Maria Siqueira. *et al.* **As (in) certezas do trabalho docente na pandemia**. Uberlândia:

Navegando Publicações, 2021. Disponível em: https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/livro_angela. Acesso

em: 01 out. 2021.

SACRISTÁN, José Gimeno. Conciencia y acción sobre la práctica como Liberación profesional. *In*: IMBERNON,

Francisco. (Coord.). **La formación permanente del profesorado en los países de la CEE**. Barcelona:

ICE/Universitat de Barcelona, Horsori, 1993.

SACRISTÁN, José Gimeno. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise da prática? *In*: GIMENO

SACRISTÁN, José; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed,

1998. p. 271-293.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, Kátia Reis de. *et al.* Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho,**

Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1-14, 2021. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/tes/v19/0102-](https://www.scielo.br/pdf/tes/v19/0102-6909-tes-19-e00309141.pdf)

[6909-tes-19-e00309141.pdf](https://www.scielo.br/pdf/tes/v19/0102-6909-tes-19-e00309141.pdf). Acesso em: 15 mar. 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em**

educação. São Paulo: Atlas, 1987.